



OS ILHÉUS DAS CABRAS

PAULO J. M. BARCELOS*

O QUE PARA ALGUNS É O ILHÉU DAS CABRAS, eu chamo de *Ilhéus das Cabras*. É certo que já foram um só, mas hoje são dois: o *Ilhéu Grande* e o *Ilhéu Pequeno*. Refira-se ainda que, o que sempre vi e ouvi falar de andar a pastar nos ilhéus eram ovelhas e carneiros¹. Cabras também as houve, mas em muito menor número que as primeiras e terão desaparecido há muitas décadas, pois não há lembrança de tal coisa pelos elementos de mais idade da família que agora os possui.² Por outro lado, poderão ter existido cabras no início do povoamento dos ilhéus, mas o nome de *Ilhéus das Cabras* apenas se tornou comum no decorrer do século XIX e, ainda assim, a imprensa do início do século XX utilizava frequentemente o nome de “Ilhéu do Canto”, família ao qual pertenceu durante muitas gerações, conforme adiante se verá.

A mote deste artigo começa com um passeio de barco realizado no dia 9 de junho de 2018 ao Monte Brasil e Ilhéus das Cabras, ligado a uma atividade coorganizada pela Associação Os Montanheiros. O grupo participante foi guiado pelo Prof. Francisco Cota Rodrigues, da Uni-

versidade dos Açores, que ajudou a interpretar a paisagem geomorfológica, muito variada, destes dois aparelhos vulcânicos, da linha de costa e de outros elementos existentes na ilha Terceira. Como até aí, a chegada aos Ilhéus das Cabras possibilitou momentos de preciosos ensinamentos, mas também de dúvida sobre uma situação em particular. Aproveitando a oportunidade, José Eduardo Silva, proprietário da empresa *Atlantiangra* que operou a viagem, e Luís Barcelos, biólogo e *skipper* do semirrígido “White Shark”, chamaram a atenção para a superfície do talude rochoso, quase vertical, que está na face oeste do *Ilhéu Pequeno*. À distância a que nos apresentávamos, esta parede apresentava algumas pequenas áreas quase vidradas, bastante mais lisas que a habitual textura do tufo que reveste exteriormente estes ilhéus. Não sendo naquela altura oportuno, José Eduardo Silva ofereceu de imediato os serviços da sua empresa para uma nova visita, onde fosse possível saltar em terra, estudar a face da rocha e recolher algumas amostras.

Cerca de um mês depois, a 11 de julho de

* ASSOCIAÇÃO
OS MONTANHEIROS

FOTOS: LUÍS BARCELOS,
RICARDO SILVEIRA,
FERNANDO PEREIRA,
PAULO J. M. BARCELOS

1 Maria Alice Borba Lopes Dias, na sua obra “*Ilha Terceira, Estudo de Linguagem & Etnografia*”, (1982), p. 414-415, regista a expressão: “Teimoso nem carneiro do ilhéu” porque diziam-lhe que “os carneiros criados no Ilhéu das Cabras, junto à costa sul da Terceira são considerados os mais teimosos de todos.”

2 Dizia Vitorino Nemésio em 1956: “Os ilhéus das Cabras não tinham cabra alguma...” – “*Corsário das Ilhas*”. Bertrand. 1956. p. 42.

2018, procedemos à pretendida expedição ao ilhéu Pequeno, de que fizeram parte novamente José Eduardo Silva e Luís Barcelos, da Associação Os Montanheiros foram Paulo Barcelos, Ricardo Silveira, Fernando Pereira, Cristina Barcelos e Júlia Silveira. Em consequência de um contacto prévio, fizemo-nos também acompanhar dos vigilantes do Parque Natural da Terceira Rui Oliveira e Tânia Santos. Cerca de 15 minutos foi o tempo que demorou na viagem entre a Marina de Angra do Heroísmo e os Ilhéus da Cabras, e um pouco mais para proceder à recolha das amostras. A 18 de setembro realizámos uma terceira expedição, desta vez com uma equipa menor: José Eduardo Silva, Luís Barcelos, Paulo Barcelos, Ricardo Silveira, Fernando Pereira, Rui Oliveira e Ângelo Silveira, com o objetivo de proceder ao levantamento florístico do *Ilhéu Grande* e fazer novas medições da *Gruta Brisa Azul* (ou dos Ratões).

Para registo dos dados destas duas últimas expedições optei por escrever este artigo, onde se condensa também o que descobrimos sobre estes ilhéus, referidos por Nemésio como *“a prova provada do nosso emparedamento num vasto calhau atlântico: por assim dizer, a estátua da nossa solidão arrancada das nossas entranhas e ali posta, junto ao Porto Judeu, como o símbolo dum destino e o padrão de uma vida interior”*.³

Os ilhéus na historiografia insular

Embora existindo outras, ficam aqui algumas das descrições mais significativas a estes ilhéus, que podemos encontrar na historiografia açoriana. A mais antiga referência, sem no entanto lhes atribuir nome, é de Gaspar Frutuoso em finais de 1500: “Correndo do Porto do Judeu pera a cidade de Angra, com rocha alta e costa de grosso calhau e penedia, um terço de légua, está um grande biscoito prantado de vinhas e pomares [Serretinha], defronte do qual estão dois ilhéus, um de três moios de terra, outro como ameta-de (sic) deles, divididos um do outro tanto espaço, que poderão entre ambos passar navios, e entre eles e a terra naus da Índia, que distam uma légua do Brasil [Monte Brasil] fronteiros ao porto de Angra, e afastados do pé da costa tanto como meia légua, muito abundantes de pescados e marisco, onde há cracas, por serem de pedra de tufo, e os barcos fazem grandes pescarias. Nos quais houve também muitos coelhos, e agora, em seu lugar, há matos e muito barcéu [Bracel], que vão lá buscar pera os bois,

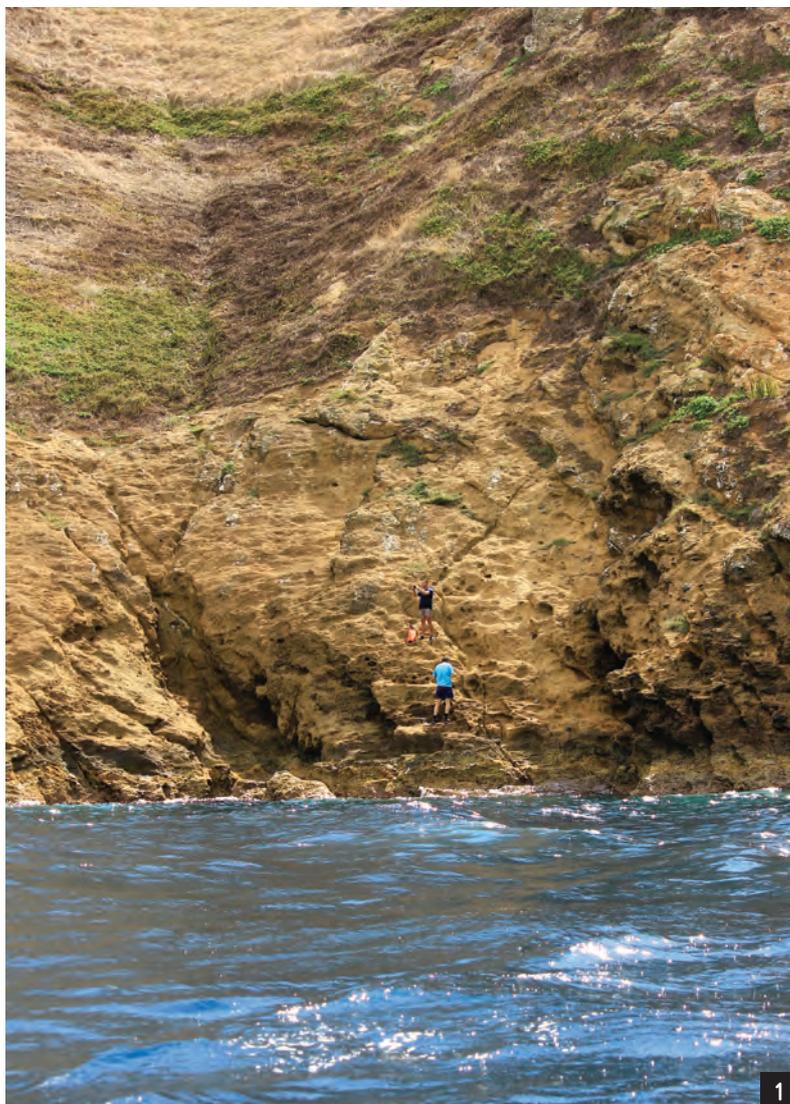


FOTO 1. Descida nos ilhéus. 2018

e criam neles pombas e muitos pássaros do mar, como são estapagados, garajaus e gaivotas, de que se acham muitos ovos. São estes ilhéus altos, mas pequenos, e, além do barcéu, têm feno e mato de louros carrasqueinhos;⁴

É frei Diogo das Chagas quem deles fala algumas décadas depois, por meados de 1600: “[...] está uma ermida de Nossa Senhora da Esperança. Avante um pouco, está a Igreja do Glorioso Santo António que é paróquia da freguesia do Porto Judeu, ambas estas igrejas ficam ao longo da rocha calhau do mar, fronteiras aos nomeados Ilhéus do Porto Judeu, não porque pertençam a alguém dessa freguesia, que eles são do Capitão da Ilha, mas porque ficam seus vizinhos”.⁵ É esta a mais antiga referência que trás uma denominação para estes ilhéus: “ilhéus do Porto Judeu”.

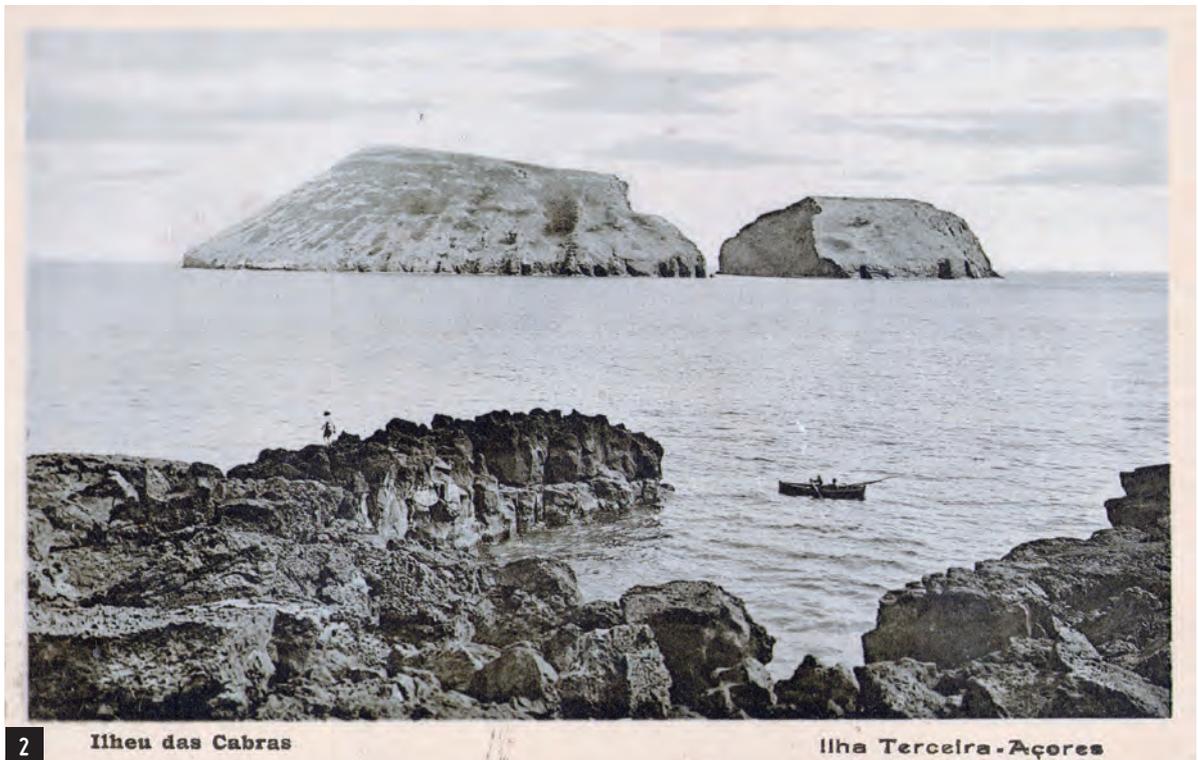
Maldonado, no início de 1700, é quem primeiro apresenta a denominação pela qual são hoje conhecidos: “No dia 9 de abril apareceu de manhã junto aos ilhéus das Cabras que ficam fronteiros ao lugar do Porto Judeu uma alterosa nau [...]”⁶

3 NEMÉSIO, Vitorino - “Corsário das Ilhas”. Bertrand. 1956. p. 42.

4 FRUTUOSO, Gaspar - “Saudades da Terra”, Livro VI. Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1978, p. 20. O padre António Cordeiro na sua obra “História insulana das ilhas a Portugal sujeitas no oceano occidental”, 1717, Livro VI, Cap. VII, p. 31, limita-se a copiar alguma desta informação.

5 CHAGAS, Frei Diogo das - “Espelho Cristalino”. 2007. p. 229.

6 MALDONADO, Manuel Luís - “Fenix Angrencia”. 1990. Vol. II, p. 176



2

Ilheu das Cabras

Ilha Terceira - Açores

FOTO 2. Ilhéus das Cabras

Emiliano de Andrade, mais generoso nas palavras, faz por volta de 1840, as seguintes observações sobre estes ilhéus: “Os mais notáveis são os dois chamados das Cabras, situados uma légua a leste do Monte Brasil, e a uma milha da costa em frente da Feteira. Estes dois ilhéus apesar de serem mui contíguos um ao outro estão entre si tão profundamente divididos que pelo meio deles não só passam grandes barcos; mas ainda há tradições de por ali ter passado já sem risco um grande navio. O maior, que conterà três moios de campina, elevando-se do mar pela parte do norte por um terreno íngreme, e de difícil subida, coberto de verdura, forma em seu cume uma vasta planície cheia de pastagem e cortada por uma altíssima rocha alcantilada; o segundo muito mais baixo, e de menor extensão oferece ainda em seu vão uma grande caverna marítima onde se podem conter mais de vinte pequenos barcos. [...] Nestes ilhéus se criam os melhores carneiros da ilha e se pescam as melhores cracas, mariscos de um suco deliciosíssimo.”⁷

Drummond repete um pouco o que diz Emiliano de Andrade, acrescentando: “O maior [...] coberto de ervas muito prestadias com que sustenta grande rebanho de gado lanígero, que nele se cria de extraordinária corpulência. O segundo

muito mais pequeno e baixo tem uma planície de 8 a 10 alqueires de terra, por vezes tem sido cultivado, mas a subida para ele não é fácil. [...] Por divertimento, e interesse de colher alguns mariscos e peixe, vão lá alguns barcos no verão. Nestes ilhéus se colhem os mais excelentes mariscos, a saber: lapas, caranguejos e cracas, e por isso são frequentados em estação própria.”⁸

Também a estes se referiu Nemésio: “[...] quebrados pelo meio como um pão mal tendido, suficientemente afastados da terra para que pudessem passar por um país estranho... - em todo o caso, outra plataforma talvez só própria para bichos (os de seu nome) [...]. Eu, que tinha a mania da geografia fantástica, chamava-lhes a Terra do Perrexil, - a plantazinha rasteira, de folha carnuda como a da beldroega, que se curtia num frasco e nos servia de pickles.”⁹

A importância deste ecossistema

Os Ilhéus das Cabras, situam-se a sul da ilha Terceira, a 27° 09' W e 38° 38' N. Estão afastados da costa pouco mais de 1100 m, a sul da Serretinha, lugar da freguesia da Feteira. São hoje parte integrante do Parque Natural da Terceira classificados como Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies dos Ilhéus das Cabras (TER07), mas amealharam ao longo dos anos outros estatutos de proteção ambiental: são *Domínio Público Hídrico* (1971), *Reserva Ecológica Nacional* (1990), *Zona de Reserva Integral de Apanha de Lapas* (1993), *Important Bird Area* (2003), *Zona de Proteção Especial* (2006 - *Rede Natura 2000*)¹⁰ e *Geossítio - Ilhéus das Cabras* (2010). É assim um local de relevância nacional, com interesse científico e geoturístico.¹¹

Em termos de génese e geomorfologia, sobre este que é o maior ilhéu

7 ANDRADE, Jerónimo Emiliano - “Topographia ou Descrição física, politica, civil, ecclesiastica e historica da ilha Terceira dos Açores”. 1843. pp. 30-31

8 DRUMMOND, Francisco Ferreira - “Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis & Eclesiásticos para a História das Nove Ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira”. 1990. Instituto histórico da ilha Terceira. pp. 125-126.

9 NEMÉSIO, Vitorino - “Corsário das Ilhas”. Bertrand. 1956. p. 42.

10 MEIRINHO, A., M. C. MAGALHÃES & M. PITTA GROZ (2004) - Proposta de Plano de Gestão para a Zona de Proteção Especial Ilhéu das Cabras. Arquivos do DOP. Série Estudos, nº 8/2004, 37 p.

11 https://www.azoresgeopark.com/geoparque_acores/geossitios.php?id_geosito=89



FOTO 3A. Ilhéu Grande. 2018

do arquipélago, diz-nos o Prof. Francisco Cota Rodrigues da Universidade dos Açores: “Os ilhéus das Cabras resultam de erupções submarinas que ocorreram no flanco sul do vulcão dos Cinco Picos. O centro emissor localizou-se numa falha submarina transversa associada ao *rift* da Terceira, uma zona de expansão da crosta terrestre que se desenvolve desde Santa Maria até ao *Rift* Médio Atlântico, a noroeste da ilha Graciosa, limitando a microplaca dos Açores da placa Euroasiática.

Estas erupções, que terão ocorrido há sensivelmente 22000 anos, pouco profundas e muito explosivas nas suas fases finais, deram origem a um cone vulcânico hidromagmático, i.e. a uma pequena ilha de tufos, de forma sensivelmente circular. Sucederam-se uma série de movimentos de origem tectónica, os quais, aliados a processos erosivos, terão desmantelado parcialmente o primitivo cone e originado as duas parcelas de terreno que vemos e que ainda hoje sofrem essa ação. Hoje os ilhéus das Cabras são constituídos por essas duas pequenas ilhotas, o ilhéu Grande e o ilhéu Pequeno, separadas na sua menor distância por um estreito canal com escassos 110 m de largura e mais de 20 m de profundidade.

Os ilhéus são constituídos por tufos palagonitizados, que exibem níveis de deposição com estratificação cruzada, característicos da atividade vulcânica do tipo surtseiano. Esses tufos surtseianos apresentam-se muito soldados e compactos, impondo forte resistência à erosão. A intensa palagonitização das obsidianas presentes nestas formações é responsável pela coloração amarelada do material rochoso que aflora no alcantilado das arribas. A reiterada fracturação vertical dos tufos, resultante da presença de



FOTO 3B. Ilhéu Pequeno. 2004

falhas ativas, aliada à abrasão marinha, originou uma série de cavidades, algumas das quais subaquáticas, destacando-se a Gruta Brisa Azul ou dos Ratões e a Gruta dos Piratas.”

Numa das expedições que fizemos este ano tivemos também a oportunidade de constatar a presença de fragmentos rochosos intercalados e incrustados no tufo, principalmente nas faces mais aprumadas viradas ao mar, mas também no topo do *Ilhéu Grande*, que foram arrancados das chaminés e condutas interiores do aparelho vulcânico e projetadas durante a erupção. Apresentam uma cor bastante escura e muitas vezes dimensões bastante superiores aos vulgares paralelepípedos das nossas calçadas.

Quanto à questão de percebermos o que eram as tais faces mais vidradas, brilhantes e lisas que observáramos numa expedição anterior,

a 11 de julho de 2018 desembarquei com o Ricardo silveira no *Ilhéu Pequeno* e aproximámo-nos dos locais pretendidos. Percebemos então que se tratavam de cortes de alguma dimensão nas paredes, e que além de apresentarem essas faces mais lisas, tinham ainda um depósito esbranquiçado sobre as mesmas. Inicialmente parecia ser sal marinho (cloreto de sódio) mas, o teste da “língua” disse o contrário: não sabia a sal! Foram recolhidas algumas amostras que mostrámos ao prof. Cota Rodrigues, que nos explicou que “Nas fraturas que ocorrem no material rochoso surtseiano surgem frequentemente depósitos de cor esbranquiçada, constituídos por calcite e sílica amorfa. A sua formação resulta de processos hidrotermais associados ao vulcanismo inicial e à circulação de águas mineralizadas nos períodos subseqüentes.”

Sobre os ilhéus diz-se também: “A sueste de Angra do Heroísmo podemos avistar os maiores ilhéus dos Açores, com uma área total de 28,18 ha e uma linha de costa de 3239 m. Conhecido singularmente como “o ilhéu” das Cabras, são atualmente dois, designados respetivamente por ilhéu Pequeno [com 84 m de altitude] e ilhéu Grande [com 147 m de altitude]. Estes rochedos de difícil acesso são o local escolhido por um número significativo de Cagarros (*Calonectris diomedea borealis*) dos que todos os anos vêm aos Açores para nidificar, encontram-se ainda exemplares de Garajau-comum (*Sterna hirundo*) e Garajau-rosado (*Sterna dougallii*).”¹² De facto os ninhos escavados no chão, principalmente nos depósitos terrícolas das encostas norte dos ilhéus, são prova da nidificação estival do Cagarro, bem como alguns *restos mortais* que observámos nas expedições deste ano. No entanto, embora seja também possível observar a presença de um ou outro Garajau a voar junto ao ilhéu, as colónias nidificantes desta espécie no ilhéu devem ser diminutas. Não conseguimos observar juvenis, nem nos parece que existam muitas zonas de nidificação adequadas a esta espécie.

Observam-se ainda indivíduos de outra avifauna, residente ou ocasional nos ilhéus, como é o caso das abundantes e predadoras Gaivotas (*Larus cachinnans atlantis*) que infelizmente procuram os ilhéus também para nidificação, e do Pombo-da-rocha (*Columba livia atlantis*). São ainda referidas outras espécies, como tendo sido observadas, mas que são meras curiosidades: a garça-real, o pilrito-das-praias, o borrelho-de-coleira-interrompida, e o maçarico-galego. Curiosamente foi-nos possível ouvir do mar, com grande facilidade, o som de um grupo de codornizes no *Ilhéu Grande*. Ao desembarcar vimos tratar-se de uma população de dimensão apreciável. Não sei como foram lá parar, mas podem



4A



4B



4C

FOTO 4. Taludes de tufo palagonitizado, com fragmentos basálticos subtraídos às condutas interiores. 2018

12 http://siaram.azores.gov.pt/zonas-costeiras/ilheu-cabras/_texto.html



5A



5C

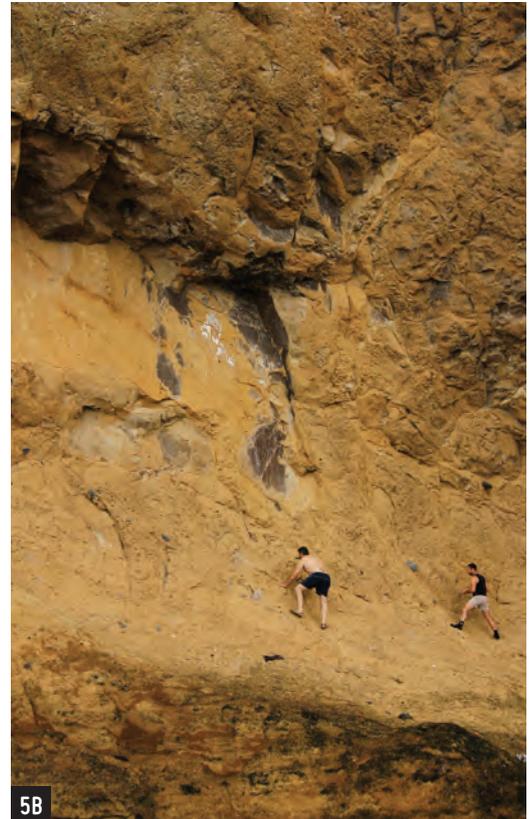
FOTOS 5A / 5B. Descida ao Ilhéu Pequeno para análise da rocha. 2018

FOTOS 5C / 5D. Amostras geológicas com depósitos de calcite. 2018

ter sido libertados por alguém, o que me parece mais provável, ou chegado por outros meios, sem intervenção humana. De entre os mamíferos é indicada a presença do Morcego-dos-Açores (*Nyctalus azorium*), que imagino seja muito ocasional porque estes ilhéus não me parecem minimamente apelativo a esta espécie.

Há muitos fragmentos de ossos no *Ilhéu Grande*. Vimos um pequeno crânio que pensamos ser de rato, mas não observamos um que fosse... talvez tenha sido levado pelas gaivotas. Há mais do que um tipo de aranhas. Há gafanhotos e outros insetos, e ainda carapaças de caracóis... mas não vimos caracóis.

Em termos florísticos os Ilhéus das Cabras são relativamente pobres, quer em diversidade, quer na importância atribuída às espécies de plantas vasculares que lá vegetam. Aqui e ali há depósitos terrícolas onde é possível crescerem determinadas plantas, mas noutros locais os afloramentos rochosos, batidos pelo vento, estão completamente despidos de vegetação. Quanto a gramíneas, tendo em conta que nos deslocámos sempre em alturas em que o verão ia avançado, é fácil termos deixado por inventariar algumas das espécies menos predominantes porque, efetivamente, nesta altura do ano o que mais vemos nos ilhéus é “palha”, i.e., colmos secos das gramíneas e hastes florais de outras espécies também secas. Ainda assim conseguimos observar indivíduos dos seguintes géneros



5B



5D

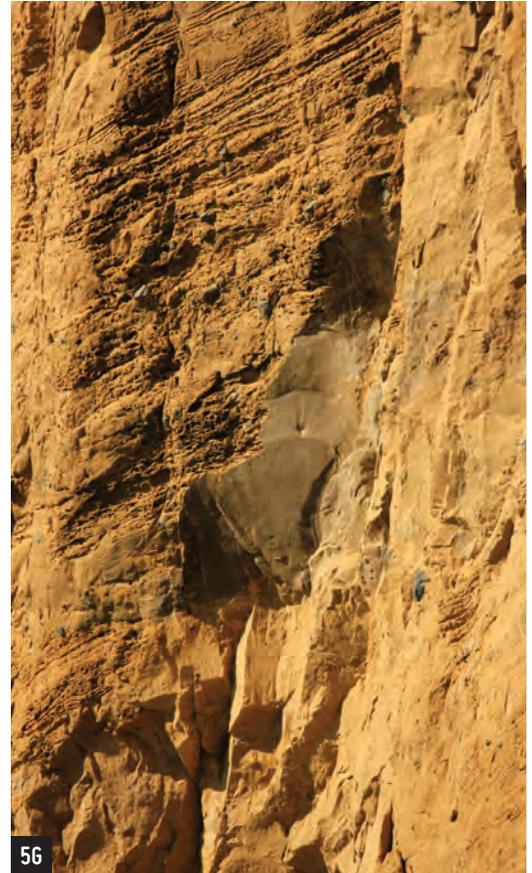
ou espécies de gramíneas: *Avena* sp., *Polypogon maritimus*, *Setaria pumila* (?), *Bromus* sp., *Digitaria sanguinalis*, *Holcus lanatus* e pelo menos mais uma cuja identificação era impossível com o material disponível. Apenas um feto, o *Pteridium aquilinum*. Quanto a dicotiledóneas foi possível observar: *Tetragonia tetragonioides*, *Solanum nigrum*, *Lavatera cretica*, *Rumex* sp., *Atriplex* sp., *Urtica* sp., *Salpichroa origanifolia*, *Coniza canariensis*, *Ecbalium eulaterium*, *Portulaca oleracea*, *Daucus carota* (?), *Lagenaria vulgaris*, *Ficus carica*. Os únicos endemismos que encontramos, foi na expedição de 2004 as espécies *Euphorbia azorica* e a *Festuca petraea*, mas não os observámos desta vez. Para além da flora vascular, vimos líquenes mas não nos apercebemos da presença de briófitos. As maiores surpresas foram mesmo: uma figueira que é a única



FOTOS 5E / 5F / 56. Tufos do Ilhéu Grande. 2018

árvore que se encontra nos ilhéus; as vulgares cabaceiras, hoje tão difíceis de encontrar na ilha; e o pepino de São Gregório, muito raro no litoral da ilha Terceira mas comum no ilhéu. Obviamente que se justifica um maior e mais rigoroso esforço de pesquisa, com mais tempo e investigadores mais abalizados.

José Coderniz (*Levinho*), então morador na Feteira, lembra-se de, em certo dia de muita ventania, haver ocorrido tamanha erosão nos ilhéus, que foi tanta a terra que se soltou da superfície dos ilhéus que, indo parar ao mar “*tornou-o avermelhado desde os ilhéus quase até à Feteira*”. Não refere, mas certamente terá ocorrido precipitação forte aquando desse episódio. Este fenómeno natural é invocado como razão para ter diminuído o crescimento da erva que servia de alimento ao gado ovino.



A fauna submarina em redor dos dois ilhéus, compreende diversas espécies de peixes, pequenos cetáceos como a toninha-brava, tartarugas e outros. Diz quem tem experiência, que esta diversidade biológica e as condições favoráveis para o mergulho tornam os Ilhéus das Cabras num local privilegiado para atividades subaquáticas recreativas e para a investigação científica.

Gruta Briza Azul ou Gruta dos Ratões

Uma volta, em redor de ambos os ilhéus, permite ao visitante aperceber-se de diversas grutas de erosão marinha, que tiveram origem numa ação do mar potenciada por fragilidades naturais surgidas aquando da formação dos próprios ilhéus (fissuras), ou posteriormente em consequência de movimentos tectónicos. A mais interessante destas é a conhecida Gruta Briza Azul ou Gruta dos Ratões, situada no ilhéu Pequeno, com a abertura virada a norte sobre a ilha Terceira.

A mais antiga referência a esta gruta está na obra de Emiliano de Andrade, de 1843: “À porta desta furna voltada ao noroeste da entrada, há uma extensa câmara vulcânica cujo pavimento é um profundo mar cheio de peixes, cercado e coberto de uma abóbada de lava amarela petrificada, que na sua maior altura excede muito 30 pés acima da água. Por esta mesma porta entram os barcos e neles se corre todo aquele escuro antro por não haver dentro algum



6A



6B



6D

FOTO 6A. Cascas de ovos de aves marinhas e de caracóis. 2018

FOTO 6B. Pepino de São Gregório (*Ecbalium eulaterium*) uma das surpresas do ilhéu. 2018

FOTO 6C. Uma das várias espécies de aranhas que observámos no ilhéu. 2018

FOTO 6D. Colheita de Entomofauna no Ilhéu Grande. 2004



6C



6E



6F



66

FOTOS 6E / 6F / 66. Inventário florístico. 2018

lugar onde se possa desembarcar.”¹³ Sobre ela diz ainda Drummond: “Tem em seu vão uma formidável caverna, para a qual se entra por uma boca à maneira de portão. É uma câmara vulcânica com mais de 60 pés de altura acima da água, e nela podem recolher-se, sobre profundo e escuro mar, vinte ou mais barcos de pesca.”¹⁴ Já era de se esperar algum exagero nas descrições históricas registadas por quem provavelmente nunca foi ao local: digamos que tem metade da altura referida por Drummond, não será uma tão “formidável caverna” como o referido, nem o interior da gruta terá um tão profundo mar cheio de peixes, como refere Andrade.

Esta gruta era, no entanto, já bastante conhecida pelos homens do mar, quando foi explorada pela primeira vez pelos Montanheiros a 28 de agosto de 1971. Pelas 14:45 saíram 5 embarcações da baía de Angra que transportaram os expedicionários: a lancha “Marina”, “Brisa do Norte”, “Teresinha”, “Lulu” e “Briza Azul” (dizem-me que a “briza” deste último barco se escrevia com “Z”). Na lancha “Marina” seguia, entre outros, Manuel Gorgita que chegado ao *Ilhéu Pequeno* entrou na gruta e coordenou as medições da mesma. Depois de feito o levantamento entraram outras lanchas para fazerem filmagens e cobertura fotográfica. É então decidido batizar a gruta de *Briza Azul*, nome de uma das embarcações.¹⁵

A abertura com a maré baixa apresenta uns confortáveis 4 metros de altura e pouco menos de largura, o que permite a uma embarcação entrar com alguma segurança. A gruta tem cerca de 50 m de comprimento e 10 m de largura máxima. A altura máxima depende da maré, mas andarás perto dos 7 a 8 m.

Penso que o nome de *Gruta dos Ratões*, nome pela qual hoje é mais conhecida entre os homens do mar, possa ter surgido mais tarde, com a prática do mergulho no seu interior e a constatação da presença desses peixes. É possível observar no verão, no seu interior, grande número de “ra-

tões”, em particular dos *ratões-águia* (*Myliobatis aquila*), que para aí se deslocam, segundo parece, com o objetivo de promover a reprodução desta espécie de raia. Diz quem lá mergulhou que é um espetáculo digno de ser visto: os raios de luz a penetrar pela entrada no interior escuro da gruta, com os ratões a planar na coluna de água, criando um conjunto de sombras em movimento sobre as cabeças dos mergulhadores. É possível a uma embarcação pequena entrar, visitar e virar no interior da gruta, permitindo a saída em segurança. Uma embarcação de 9 metros, como aquela em que nos deslocámos, requer já alguma perícia. Não é, no entanto, de incentivar a entrada na gruta com embarcações, uma vez que as manobras no interior e consequente turbulência da água, perturbam a fauna, sendo prejudicial à presença e procriação dos ratões. José Eduardo Silva não antagoniza quem o faz, mas é apologista de que os mergulhadores entrem... mas deixem o barco à porta. A gruta é hoje muito conhecida e procurada por alguns que pretendem mergulhar no seu interior.

Investigadores açorianos, ligados ao mar, descrevem assim a riqueza faunística deste ecossistema: “A Gruta dos Ratões constitui uma fascinante experiência de mergulho pois permite “pairar” numa grande fenda vertical rodeado de ratões de vários tamanhos pertencentes a, pelo menos, duas espécies: *Myliobatis aquila* e *Taeniura grabata*. A fenda referida estende-se desde a superfície até ao fundo, situado a cerca de 15 metros. É muito ampla e, na maré vazia e com mar calmo, alberga facilmente uma embarcação de até 7 metros. Trata-se de uma imersão segura, numa zona abrigada em relação a correntes e ondulações, mas com o exotismo de um mergulho-aventura, não apenas pelos encontros com os ratões, mas também pelas esporádicas ocorrências de peixes de grande porte como bicudas (*Sphyræna viridensis*), lírios (*Seriola spp.*), serras (*Sarda sarda*) e anchovas (*Pomatomus saltator*), especialmente no verão. Igualmente frequentes são os peixes de menores dimensões, como os peixes-rei (*Coris julis*), as rainhas (*Thalassoma pavo*), as castanhetas (*Chromis limbata*), os sargos (*Diplodus sargus*) ou as garoupas (*Serranus atricauda*). A aparição de um robusto mero (*Epinephelus marginatus*) também não é fenómeno raro. Para o mergulhador que se disponha a

13 ANDRADE, Jerónimo Emiliano de (1843) - “Topographia ou Descrição física, política, civil, ecclesiastica e historica da ilha Terceira dos Açores”. p. 30-31

14 DRUMMOND, Francisco Ferreira (1990) - “Apontamentos Topográficos, Politicos, Civis & Ecclesiásticos para a História das Nove Ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira”. Instituto Histórico da Ilha Terceira, pp. 125-126.

15 “Mais uma gruta descoberta nos Açores”. O Primeiro de Janeiro (20 setembro 1971). A 23 de agosto de 1981 os Montanheiros organizam uma visita de estudo, saindo de Angra pelas 8:00 na lancha Pero de Barcelos, visitando a gruta Briza Azul e desembarcando no Ilhéu Grande para uma subida até ao topo. Na manhã do dia 5 de setembro de 1982, pelas 8:00 horas, os Montanheiros vão de viagem até aos ilhéus dos Fradinhos, novamente com paragem e escalada do Ilhéu Grande, no cimo do qual se almoçou, e visita à Gruta Briza Azul. A viagem foi realizada mais uma vez na lancha “Pero de Barcelos”. Em 30 de julho de 1988, integrado no programa “Naturalmente Natureza”, desenvolvido em parceria com a Casa da Cultura de Angra do Heroísmo, a Associação Os Montanheiros, volta aos ilhéus das Cabras tendo o grupo subiu ao Ilhéu Pequeno (A União de 21 julho 1988). Alguns anos mais tarde, a 25 de julho de 2004, foi feita outra visita aos ilhéus, onde aproveitei para fazer um levantamento da flora existente e o Fernando Pereira (Pardal) para capturar alguns insetos com a sua rede de varredura. Este ano de 2018 fomos 3 vezes aos ilhéus, com uma descida no ilhéu pequeno e outra no ilhéu Grande com realização do inventário florístico deste.

olhar a rocha com mais atenção, está reservada uma variada fauna de invertebrados, quer no fundo, quer ao longo das paredes.¹⁶

Uma outra fenda, no lado norte do *Ilhéu Grande*, permite ao mergulhador nadar 240 m através do ilhéu (não sem alguma dificuldade e risco), saindo do outro lado no interior de uma outra gruta que está no canal entre os dois ilhéus, também com dimensões que permitem a entrada de pequenas embarcações. Apesar das águas claras que habitualmente caracterizam o mar em redor dos ilhéus, no caso particular da entrada desta gruta, há alturas em que a coloração é muito amarela. Quando tal acontece, a intensidade da cor e a localização muito específica onde ocorre, causam estranheza aos visitantes. Ao que parece, mais não deve ser que material que se solta das vertentes do ilhéu e fica em suspensão na água desta pequena enseada criada pela gruta.

Os donos dos ilhéus e a sua posse administrativa

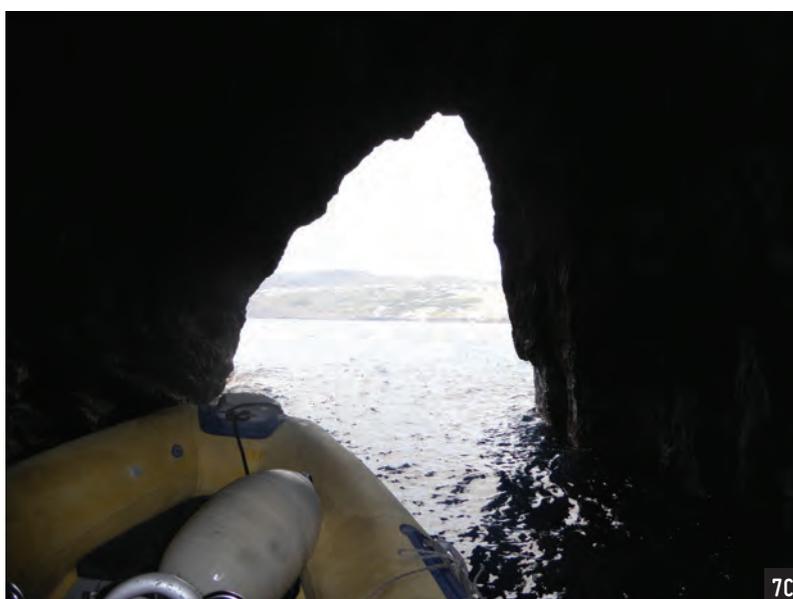
Ernesto do Canto refere que os Ilhéus das Cabras foram doados por el-rei D. Manuel [rei de 1495 a 1521] a **Pero Anes do Canto**, provedor das armadas, que faleceu em 1556.¹⁷ Ainda não tive oportunidade de encontrar tal carta de doação. Versão diferente tem Drummond quando refere que, em 1574 os ilhéus são atribuídos, “*como é tradição*”, ao capitão donatário **Manuel Corte-Real**, o que teria acontecido durante o reinado de D. Sebastião: “Pertenciam ao concelho da Vila de São Sebastião, quando no ano de 1574 o donatário da parte de Angra, Manuel Corte Real, lhe disputava a posse (acórdão de 17 de julho), e ou porque vencesse o pleito, ou porque el-rei doasse o ilhéu a um seu descendente, como é tradição, o certo é que anda anexo ao morgado dos Cantos, e que nele tem grande quantidade de *ovelhas*”.¹⁸ Fica a dúvida se a posse dos ilhéus se manteve continuamente na descendência de Pero Anes do Canto, ou se passou à do capitão donatário Manuel Corte-Real, como afirma Drummond.

Segundo o que vem publicado no site *Bagos d’Uva*, estes ilhéus pertenciam, em 1666, a **Braz Pires do Canto. Miguel do Canto e Castro Pacheco de Sampaio**, descendente deste, a 26 de fevereiro de 1872 reclamou a posse destes ilhéus por terem *pertencido sempre* a seus

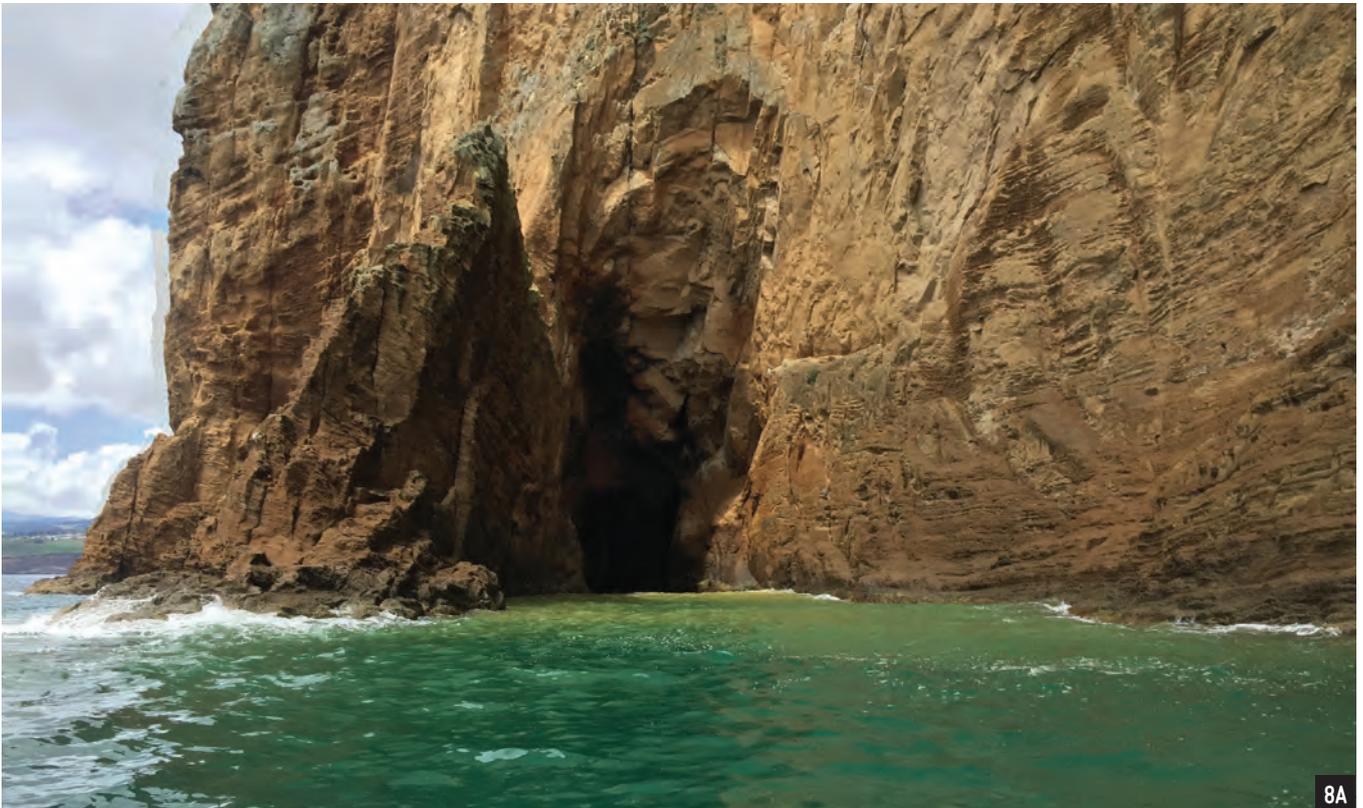
¹⁶ Texto de Frederico Cardigos, Fernando Tempera e João Pedro Barreiros (in Revista Mundo Submerso) citada em <http://www.horta.uac.pt/SCUBAZORES/Terceira/CabrasGruta.htm>

¹⁷ “Os ilhéus do Canto”. A União (1 julho 1910)

¹⁸ DRUMMOND, Francisco Ferreira – “Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis & Eclesiásticos para a História das Nove Ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira”. Instituto Histórico da ilha Terceira. 1990. p. 125-126.

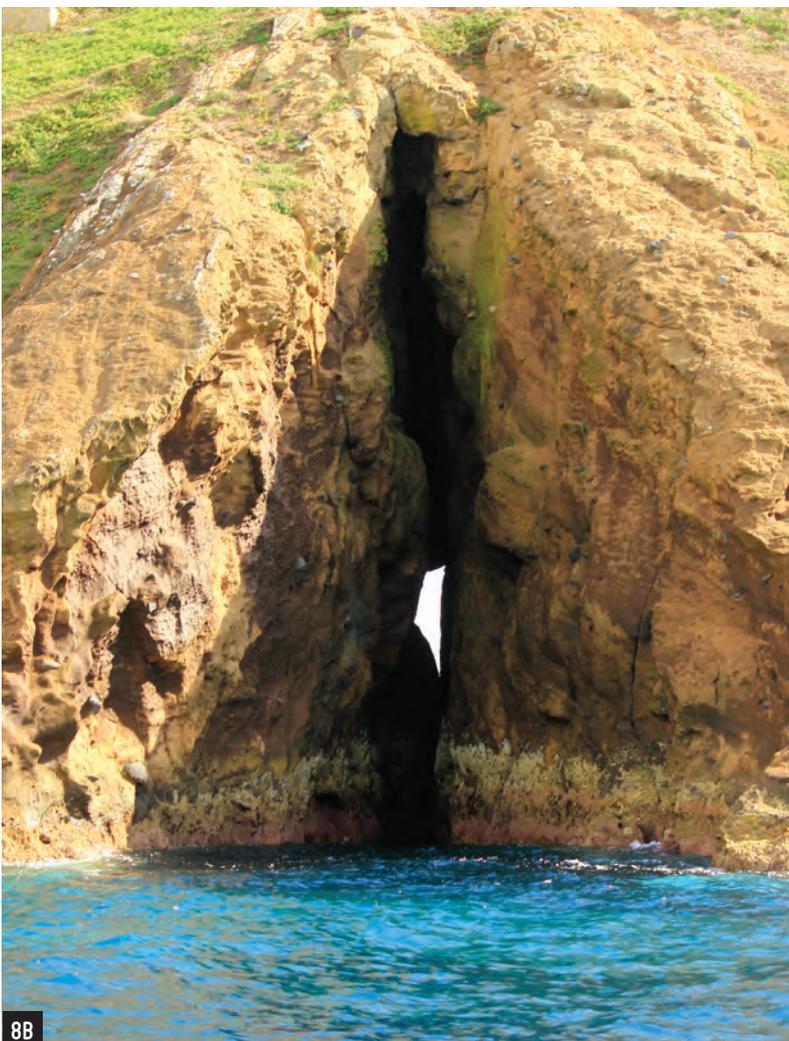


FOTOS 7A / 7B / 7C. Gruta dos Ratoes. 2018



8A

FOTOS 8A / 8B. Fenda no Ilhéu Grande por onde é possível mergulhar e gruta onde o mergulhador vai sair. 2018



8B

ascendentes, passando como bens vinculados de sucessor em sucessor até recaírem em seu pai **Francisco do Canto e Castro**, entretanto falecido. Sendo ele o filho primogénito, foram os ilhéus registados a seu favor a 5 de março de 1873, sob o nº 2146, flª 20, do livro F5, da Conservatória do Registo Predial de Lisboa. Falecido Miguel do Canto e Castro em 1888 sem geração, sucedeu-lhe a sua irmã **Maria Luísa do Canto e Castro da Silva de Ataíde**. Por morte desta em 1890, também sem herdeiros, deixa os referidos ilhéus em testamento feito na cidade do Porto, aprovado a 3 de novembro de 1888, ao médico **Eduardo Augusto da Rocha de Abreu** e esposa, que os regista em seu nome apenas a 11 de fevereiro de 1905¹⁹. Com residência fora da ilha, este passa a administração desta propriedade a José Júlio da Rocha Abreu, seu tio e representante, também este grande proprietário e comerciante desta ilha.

Em **1908**, segundo informavam os jornais da época, o Dr. Eduardo Abreu teria anunciado, em jornais estrangeiros, a venda daqueles ilhéus.²⁰ Como mais tarde vem a comprovar, Eduardo Abreu tinha recebido já, no ano anterior, propostas para a compra dos ilhéus, a primeira do cidadão norte americano J. Stephens, e depois, uma outra proposta mais vantajosa, com data de 20

¹⁹ <http://bagosdeuva.blogspot.com/2009/11/ilheus-das-cabras.html>

²⁰ "Ilhéus". A União (17 novembro 1908).



de dezembro de 1907, por parte da “Marconi’s Wireless Telegraph Company” de Londres, que consistia em arrendar durante 99 anos os ilhéus ao preço de 2.000 libras por ano, com o direito de opção de compra de 50.000 libras em ouro ou 33.000 ações da mesma companhia.²¹ Em **1909** surge novamente referências a esse interesse da Marconi, provavelmente para lá instalar uma estação de rádio, referindo os valores de 200 milhões de reis para a compra ou 12 milhões de reis ao ano de renda, quando rendia apenas 40 mil réis.²²

Hoje, quem conhece os ilhéus, não percebe como terá sido possível tal interesse, tendo em conta as condições naturais do terreno. O certo é que, à época, o facto suscitou uma reação por parte do Governo português que terá escrito a

Eduardo Abreu pedindo *preferência* na compra, para não surgirem “inconvenientes para o país” de tal venda ao estrangeiro. Eduardo Abreu, sensível a esta questão, depois de ter aguardado algum tempo, acaba no ano seguinte por notificar o Governo português no sentido de concretizar a aquisição dos *ilhéus do Canto*, de que era já proprietário o seu filho **Henrique de Abreu**²³ mantendo-se ele e sua esposa como usufrutuários.^{24, 25}

Dizia-se que, em virtude da abertura do canal do Panamá e da posição geoestratégica dos Açores, conviria à América ter ali dum depósito de carvão ou mesmo aproveitar os ilhéus para algo diferente.²⁶ Aliás, a compra dos ilhéus pelo Governo dos Estados Unidos foi algo que chegou mesmo a vir “confirmado” pelo jornal londrino *Pall Mall Gazette*, em nota publicada com data de 10 de junho.²⁷ Eduardo Abreu apressou-se a desmentir tal informação, mesmo porque nunca tinha recebido qualquer proposta desse governo nesse sentido.

Após vários ofícios enviados a sucessivos governos, sem que esses tivessem concretizado o seu interesse, Eduardo Abreu apresentou uma notificação judicial, com o prazo de 40 dias, ao Governo Português, declarando mesmo que os venderia pelo preço “*que quisessem dar*” ou os doaria, bastando para tal que o Estado Português se dignassem a dizer a data e o local onde comparecer com toda a documentação necessária, para assinar a escritura e fazer a entrega

21 “Cabras”. A União (4 Set. 1911).

22 “Ilhéu das Cabras”, A União (21 Jul. 1909) e “Os Ilhéus”, A União (14 Set.1911).

23 Em julho de 1909, os ilhéus estavam na posse de Henrique de Abreu, filho de Eduardo Abreu. Segundo diziam vários diários dessa data, este senhor publicou um aviso dizendo que de boa vontade autorizava a qualquer funcionário público que precisasse, de desembarcar *nos ilhéus do Canto ou das Cabras*, e ali proceder a qualquer estudo ou missão legal de que fosse superiormente encarregado, mas avisando também que tais visitas sem sua autorização prévia seriam alvo de reclamação legal. A união de 21 de julho de 1909.

24 “Os ilhéus do Canto”. A União (23 Jun. 1910).

25 “O dr. Eduardo Abreu e os ilhéus das Cabras ou do Canto nos Açores”. A União (4 Jan. 1911).

26 “Ilhéu das Cabras”. A União (4 setembro 1911).

27 “A venda dos ilhéus do Canto”. A União (20 julho 1910).



de todos os títulos de propriedade dos referidos ilhéus, “*vasta e importante documentação relativa ao assunto, mapas, planos e modelo em gesso dos referidos ilhéus*”. Disso faz nota em missiva enviada a 8 de agosto de 1911.²⁸ A doação acabaria por nunca se concretizar porque o Conselho de Ministros optou por *não tomar conhecimento desse facto*, supostamente por não ter apreciado alguns reparos que Eduardo Abreu fez na carta que lhes enviou, acerca de 2 dos seus ministros.²⁹

Depois de tanta celeuma, nos anos que se seguiram, tornam-se rendeiros dos ilhéus os irmãos João Luís Toste Parreira e António Toste Parreira, juntos com António Luís Nata, os três moradores na freguesia da Ribeirinha. Por volta de 1940, João Luís Toste Parreira adquiriu os ilhéus por 10.000\$00 (dez mil escudos) em nome dos seus quatro filhos: Veríssima Toste Parreira Evangelho, Eugénia Toste Parreira Faria, Maria do Espírito Santo Toste Parreira Lourenço e João Luís Toste Parreira. Em 1946 quando morre o patriarca, os ilhéus estavam avaliados em 80.000\$00 (oitenta mil escudos). Em 1948, Veríssima Evangelho, a irmã mais velha, com o marido José Luís Evangelho, compram a parte dos outros 3 irmãos, com grande sacrifício por se verem a braços com tão elevada dívida, tornando-se assim nos únicos proprietários. Passadas algumas gerações, hoje pertencem aos herdeiros deste, nomeadamente a Mariazinha Cardoso e Vítor Evangelho, com quem falámos.

Outra polémica, consistia em definir a posse administrativa destes ilhéus, se faziam parte

da freguesia da Feteira ou da freguesia do Porto Judeu. Ao longo dos anos houve vários decretos que mudaram a fronteira entre estas duas freguesias.

Até 1906 os ilhéus da Cabras faziam parte da freguesia do Porto Judeu, porque não existia ainda a Freguesia da Feteira. A freguesia (paróquia) terá supostamente sido criada por despacho de **30 de novembro de 1906**³⁰, acontece que muitos tem procurado sem sucesso este despacho, que a existir deverá ser de data diferente.

No jornal A União, de 6 de dezembro de 1906, diz que: “o governo acaba de elevar a paróquia o curato da Feteira”, referindo algumas áreas que passaram a integrar a nova freguesia, **mas sem referir os Ilhéus das Cabras que continuavam a pertencer ao porto Judeu**. O decreto de 28 de janeiro de 1911 do Ministério da Justiça, considera que a delimitação da freguesia da Feteira, quando foi criada, tinha sido feita de forma arbitrária, trazendo inconvenientes vários às populações e à administração, pelo que vinha agora proceder a retificações, nomeadamente **incorporar na Feteira os ilhéus das Cabras** “*que pela sua situação geográfica deveria pertencer à freguesia da Feteira*”, pelo que se depreende ter sido sempre da freguesia do Porto Judeu até esta data, mesmo depois da criação da Feteira.³¹

Um decreto de 8 de fevereiro de 1913³² revê os limites da Freguesia da Feteira, mas é revogado duas semanas depois por outro, de 22 de fevereiro de 1913³³, e novamente posto em

28 “Ilhéu das Cabras”. A União (4 setembro 1911).

29 “Correio dos Açores, dia 14”. A União (16 agosto 1911).

30 Como vem referido no Diário do Governo de 9 de maio de 1928.

31 Publicado no Diário do Governo de 30 de janeiro de 1911, e retificado pelo decreto de 28 de janeiro de 1911, publicado no Diário do Governo (1 fevereiro 1911).

32 Diário do Governo (12 fevereiro 1913).

33 Diário do Governo (27 fevereiro 1913).

vigor por um decreto de 30 de abril de 1928³⁴, que repõem os limites da freguesia da Feteira tal como quanto tinha sido formada, ou seja, sem os ilhéus das Cabras, situação que perdurou até aos nossos dias. Portanto, os ilhéus das Cabras pertenceram à Feteira apenas entre 1911 e 1913.

A exploração ovinícola

O homem teve um papel direto pouco interventivo na paisagem dos ilhéus, no que se refere a marcas que possa ter deixado, muito por conta de nunca ter existido um cais acostável ou algo de semelhante. Desembarcar pessoas e bens no ilhéu não é tarefa fácil. No entanto deixaram evidências que ainda hoje é possível observar. Por outro lado, a pastorícia a que sujeitaram os ilhéus, terá causado alterações profundas na biodiversidade local. A prova disso são as espécies novas que terão surgido depois de ter acabado o pastoreio e o desaparecimento de outras que existiam quando as ovelhas por lá andavam a pastar.

Uma conversa com Mariazinha Cardoso e Vítor Evangelho, dois dos atuais proprietários dos ilhéus, permitiu perceber como se processou durante as últimas décadas a exploração de ovelhas nos ilhéus.

A exploração de ovinos nos ilhéus exigia na realidade apenas um dia de trabalho efetivo por ano, geralmente no mês de maio ou junho, consoante a altura em que ocorriam os Bodos do Espírito Santo e por conseguinte aumentava a procura por carne de ovino, e sempre quando o mar estava calmo e oferecia boas condições para navegar e atracar. Havia sempre animais excedentários que se vendiam no comércio local ou eram exportados para Lisboa.

No dia de ir aos ilhéus, juntavam-se vários elementos da família de José Luís Evangelho, tosquiadores profissionais contratados e vários voluntários, entre estes muitos jovens e senhoras, que aproveitavam a oportunidade de dar um passeio diferente. Contratavam barqueiros no Porto de Pipas ou no Porto Judeu (como era o caso dos *Sampaio*s). Ia sempre uma embarcação (ou mais) de maior capacidade, a motor, para fazer os transportes entre a ilha e os ilhéus e outra de menor dimensão, geralmente a remos, para fazer a ligação entre o barco maior e os ilhéus.

Desembarcar nos ilhéus nunca foi tarefa fácil, e iniciar a subida também não. Por isso houve a necessidade de talhar degraus na encosta, para ajudar na subida, que, apesar de desgastados pela erosão, hoje são ainda bem visíveis no ilhéu pequeno.

Desembarcados no ilhéu, subiam os mais jovens em direções opostas e, no alto, cercavam as ovelhas levando-as a descer até um local es-

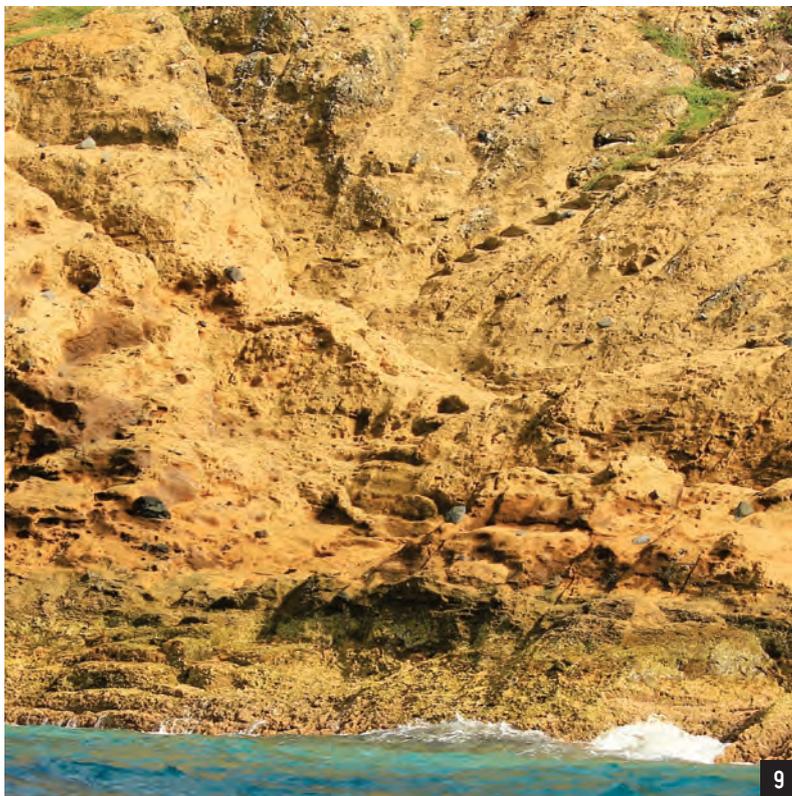


FOTO 9. Degraus talhados no Ilhéu Pequeno para ajudar na subida e descida. 2018

pecífico, a meia encosta, que fazia as vezes de curral. O rebanho era então contado para se saber quando adultos tinham desaparecido, quantas crias tinham nascido, quantos machos e quantas fêmeas havia. Acreditava-se que algumas das ovelhas desaparecidas eram roubadas por barcos que visitavam os ilhéus, outras caíam ao mar ou morriam de outras causas. Os animais que eram para tosquiar eram peados. Os excedentários também o eram, para poderem ser transportados para o barco e trazidos para terra, aproveitando-se assim para renovar o efetivo. O rebanho de ovelhas não se limitava a sobreviver, mas proliferava ao ponto de aumentar o efetivo em muitas cabeças por ano, havendo o cuidado de reduzir o número até ao limite daquilo que o terreno podia suportar. O *Ilhéu Grande* albergava cerca de 60 a 65 animais e o *Ilhéu Pequeno* 35 a 40. Fazia-se ainda outra viagem em setembro para contar novamente o número de animais e garantir a presença de apenas um carneiro cobridor, ou para substituí-lo. Ficavam nos ilhéus algumas dezenas de animais durante todo o ano.

A tosquia e demais operações levavam muitas horas, pelo que não podia faltar o garrafão, o queijo e o pão para ir merendando. À medida que ia sendo tosquiada, a lã era transportada para o barco maior e, quando se justificava, este ia descarregar no cais do Porto Judeu. O barco acabava por fazer várias viagens para levar toda

34 Diário do Governo (9 maio 1928).



10A



10B

FOTOS 21A / 21B. Rebanho de ovelhas no ilhéu grande. 1981.



10C

FOTO 21C. Em 2004, no Ilhéu Grande, foram observadas ainda algumas ovelhas, que acabariam por desaparecer por completo no ano seguinte.

a lã e, no final, transportar os animais excedentários e as pessoas.

Parte da lã depois de cardada e fiada acabava em teares na ilha Terceira, mas a maioria era vendida para a ilha de São Jorge, como *lã suja*, chegando por vezes a ser enviada também para Lisboa, mas como *lã lavada* o que obrigava a mais trabalhos. Mariazinha Cardoso refere que a exploração das ovelhas e da respetiva lã era um bom rendimento, e que há 40 anos ainda era uma atividade lucrativa.

O facto da tosquia ser feita em maio não se prendia unicamente com o alívio dos animais durante a época de maior calor que se aproximava, ou mesmo com a maior procura pela carne. Como o coberto vegetal naquela altura era diferente daquele que é hoje, existindo grande quantidade de cardos, tosquiava-se em maio por ser a altura em que estes estavam pouco desenvolvidos, o que ajudava a que a lã estivesse mais limpa aquando da tosquia. Mariazinha Cardoso guarda ainda hoje as tesouras utilizadas na tosquia e outros instrumentos que eram utilizados para cardar, fiar e tecer a lã.

Apesar do que afirmava Nemésio, de que os ilhéus possuíam “*uma cisterna salobra e meia dúzia de carneiros*”³⁵, seria apenas uma concavidade no chão, que aparava a água da chuva, e que terá em tempos sido coberta parcialmente para impedir a sua rápida evaporação. Não consegui no entanto perceber com precisão a sua localização. Até 1990 houve ovelhas mas não qualquer reservatório de água nos ilhéus. Apesar das ovelhas sobreviverem com pouca água, ainda assim tinham de beber alguma e, durante séculos a única água disponível terá sido mesmo a água da chuva, bastante rara, e a água salgada, que ficava temporariamente retida em pequenas covas que existiam na superfície do ilhéu, sempre que a maré baixava. Há quem diga que, sendo obrigadas a beber água salgada durante todo o ano, estas ovelhas deviam ser já de uma *raça especial*.

Entre 1990 e 1994 não houve ovelhas nos ilhéus, mas nesse ano de 1994 houve um repovoamento, reintroduzindo-se no ilhéu um rebanho de 60 ovelhas de raça inglesa, que vieram da ilha Graciosa. Para melhorar as condições dos animais, foi construído nesse ano, pela primeira vez, um tanque de água no *Ilhéu Grande*, para receber as águas da chuva. Com paredes em blocos e cobertura de vigotas e abobadilhas a água ia passando do tanque para um bebedouro construído ao lado, apenas na medida do necessário em virtude da instalação de uma boia de nível que controlava a passagem. Passados uns anos a tanque ficou seco e inutilizado, ao que me dizem por culpa dos cagarros. Estes terão escavado ninhos na terra onde estava as-

35 NEMÉSIO, Vitorino - “*Corsário das Ilhas*”. Bertrand, 1956. p. 42.



11A

sente o alicerce da frente, que acabou cedendo, rachando as paredes laterais. De qualquer forma esta tentativa de reexploração dos ilhéus durou cerca de 10 anos. Na expedição de 2004 ainda existiam ovelhas no ilhéu Grande, mas em 2005, abandonadas à sua sorte terão morrido as últimas de forma natural.³⁶

Um óbito nos ilhéus

Entre as lendas que envolvem este ilhéu, temos aquela que nos deixou o Manoel António Ferreira-Deusdado, na sua obra *Quadros Açóricos*. Aqui se diz que, na última metade de 1600, um tal de Fernão de Hutra de 20 anos de idade, natural do Faial, se enamorou por uma jovem freira no Convento da Glória dessa ilha e, para conseguir conquistar a jovem, fez um pacto com o diabo, prometendo-lhe a alma de todos os filhos que viesse a ter. A virtude da freira manteve-se firme, saindo derrotado Fernão de Hutra que veio então desgostoso para Angra.

Em 1666, tentando seduzir uma das filhas do alcaide-mór do Castelo de S. Sebastião, Jorge de Betancor, envia-lhe um ramo de flores, tendo o pai disso tomado conhecimento. Sabendo o pai que Fernão de Hutra tinha a sua prole vendida a Satanás, delibera com o seu cunhado Braz do Canto, dono dos ilhéus das Cabras, desterrar para lá o dito Fernão. No dia 16 de julho Fernão Hutra foi secretamente amarrado e



11B



11C

conduzido num batel para o ilhéu pequeno, onde o esperava uma “cabana rústica ou uma caverna na penedia vulcânica para morar, ovelhas que davam leite, um algibe [cisterna] que dava água, silvas que davam amoras e um barbante com anzol para pescar.” Fernão de Hutra aqui viveu isolado 7 anos e aqui morreu. Ferreira-Deusdado acrescenta sobre o ilhéu: “Ainda hoje lá existe uma cisterna que recebe água pluviais”.³⁷ E essa é a única referência de que alguma vez os ilhéus tenham sido *habitados!*

FOTO 11A. Dobadoura, tesoura de tosquia, lima e as cardas para escovar a lã. 2018. Coleção particular de Mariazinha Cardoso.

FOTO 11B. Pormenor da tesoura de tosquia e de um tapete feito em lã das ovelhas dos ilhéus. 2018. Coleção particular de Mariazinha Cardoso.

FOTO 11C. Roda de fiar. 2018. Coleção particular de Mariazinha Cardoso.

36 O livro “História dos Ilhéus das Cabras: de património público a privado”, de Judite Toste Evangelho, publicado pela LetraCapital no Rio de Janeiro em 2015, é um importante documento, escrito “na primeira pessoa” por alguém da família proprietária dos ilhéus, com esclarecedores depoimentos e rico em informações. Embora de difícil obtenção, existem alguns exemplares na ilha Terceira junto dos familiares da autora.

37 DEUSDADO, Manuel António Ferreira - “Quadros Açóricos. Lendas Chronographicas”. 1907. p. 91-99.



12A



12B

FOTOS 12A / 12B.

Aspeto e localização do tanque construído no Ilhéu Grande.

Do roubo dos carneiros a um achado histórico

Sobre o coronel Francisco do Canto e Castro, dono dos ilhéus durante boa parte do século XIX, é contada a seguinte história, que não deixa de ser curiosa: aquando da Guerra Civil portuguesa, a esquadra miguelista, que movia o bloqueio

à ilha Terceira sem dela se apoderar, por provável necessidade de mantimento terá desembarcado nestes ilhéus uma pequena força que, aí sim, se apoderou de 130 carneiros que por ali pastavam... e que se suspeita não terão oferecido grande resistência.

Ao que se diz, houve demanda por justiça, durante muitos anos, sendo o governo constitucional condenado a pagar uma indemnização a Francisco do Canto e Castro, então proprietário³⁸. Esse mesmo acontecimento é relatado décadas antes, embora sem quantificar o número de animais furtados, por Drummond: *“O certo é que depois daqueles navios andarem vários dias ensacados nas baías da ilha, e quase sempre na da Praia, [...] desapareceu destas águas, deixando o governo da ilha em perfeita tranquilidade, contentando-se o comandante da nau com ter recolhido a bordo algumas pessoas comprometidas, que fugiram para ele, alguns dos quais nunca mais à ilha tornaram; e de ter recolhido também alguns carneiros do ilhéu do Porto Judeu, que teve em segura conquista;”*³⁹

Em 1992, na expedição a que abaixo fazemos referência, foi encontrado por José Gabriel “Tirolé” no *Ilhéu Grande* a parte final de um croque⁴⁰, peça em bronze que se soltou da respectiva vara de madeira, que se mantém ainda hoje

38 “Os ilhéus do Canto”. A União (1 julho 1910).

39 DRUMMOND, Francisco Ferreira - “Anais da ilha Terceira”. 1981. Vol. IV, p. 187-188.

40 Vara com um gancho na ponta para atracar barcos.



FOTO 13. Parte terminal de um croque, recolhido no Ilhéu Grande aquando da expedição do Azores DX Group. 1992

na sua posse. Encontrava-se no meio da erva, a 5 ou 6 metros acima do nível do mar, numa reentrância da rocha. Teria esta peça estado neste local cerca de 160 anos e pertencido a uma das embarcações da frota miguelista que participou no roubo dos carneiros? Ou pertenceria a alguma embarcação que operava na baía de Angra do século XX?

Alabama vs Kearsarge

Uma das histórias que por vezes é ouvida, principalmente entre as pessoas de mais idade, e que também me foi contada por familiares, é a de um barco que se teria refugiado de outro que o perseguia, escondendo-se entre os ilhéus. Confesso que a probabilidade dessa história ter acontecido sempre me causou algumas dúvidas, mesmo porque parecia ir sendo “adaptada” ao longo dos tempos: ouvi-a como tendo ocorrido durante a Grande Guerra, e também durante a 2ª Guerra Mundial. Também a ouvi como tendo acontecido entre dois barcos, e entre um barco e um submarino. Afinal, a história aparece, como tendo ocorrido em 1862, em plena Guerra Civil Americana, entre os Estados Confederados do Sul e a União dos Estados do Norte, fracamente documentada num relato de 1909⁴¹, cerca de 47 anos após os supostos acontecimentos, que falam num confronto entre os barcos *Alabama* e *Kearsarge*.

O *Alabama* era um barco de madeira pequeno e rápido, de 1040 toneladas e com um comprimento total de 64 metros, expressamente construído para a marinha dos Estados Confederados da América. Funcionava a vapor, com dois motores a carvão de 300 hp cada, e em breve estaria destinado a ser adaptado e apetrechado como canhoneira, transportando as ar-

mas e munições necessárias para entrar na guerra contra a União dos estados do norte da América.

No dia 10 de agosto de 1862 o *Alabama* navegou até aos Açores baixando âncora na baía da Praia da Vitória, ponto previamente combinado para o seu encontro com outras duas embarcações. Aqui esperou pelo *Agrippina*, que chegou a 18 de agosto vindo de Londres, com armas e munições que transferiu para o *Alabama* nos dois dias que se seguiram. O facto desse encontro ter sido marcado para a ilha Terceira, mostra uma inesperada (ou não) importância dos Açores no contexto da Guerra Civil americana, que seria ainda confirmada por outros casos que ocorreram. A posição geoestratégica a meio caminho entre a Europa e a América, a proximidade da Inglaterra, e a neutralidade de Portugal neste conflito, a isso favorecia. No dia 20 de agosto chega à baía da Praia o *Bahama*, que vinha fugido de um barco de guerra dos Estados Unidos do Norte. Rumam de seguida os 3 barcos para Angra, onde fundeiam no final desse dia. Aqui o Capitão Semmes deixa o *Bahama* e assume o comando do *Alabama* para o qual tinha sido destacado.

É preciso não esquecer que, à saída da baía da Praia o *Alabama* era já um barco potencialmente “hostil”, mas ainda sem se assumir como tal. Apenas a 24 de agosto, depois de se abastecer de carvão e víveres em Angra, deixa a baía, arreia a bandeira inglesa com que navegara até então e hasteia a bandeira confederada, assumindo finalmente a missão de ataque e destruição para a qual tinha sido destinado. Nos 3 anos que se seguiram viria a capturar 65 embarcações mercantes da União, feito mais de 2000 prisioneiros, sendo perseguido por 20 navios de guerra dos Estados do Norte da América, esquivando-se sempre com mestria àqueles que o perseguiam e sem nunca perder um único elemento da sua tripulação, ocupando por isso, com justiça, um papel de destaque nos anais da história da guerra civil americana.⁴² Estes são os factos da passagem, no verão de 1862, do *Alabama* pela ilha Terceira, sem relatos dignos de registo de qualquer situação de confronto, ou de tensão, que possa ter ocorrido entre este e os barcos de guerra dos Estados do Norte da América. É preciso ter em conta ainda que esta foi a única vez que o *Alabama* passou pela ilha Terceira.

Juntam-se a estes factos a história do “glorioso marinheiro” Manuel de Azevedo Gomes (b. 19 OUT 1846, em Santo Amaro, ilha do Pico), que em 1862, com apenas 15 anos terá assumido interinamente o comando da Corveta D. Estefânia, impedindo que rebentasse um conflito entre o

41 “Os Ilhéus do Canto”. O Tempo (23 março 1909), com parte dessa informação repetida em A União (1 julho 1910).

42 “The cruise of the Alabama and the Sumter. from the private journals and other papers of Commander R. Semmes, C. S. N. and other officers.” New York. Carleton, Publisher, 413 Broadway, London: Saunders Otley & Co. 1864. In <http://www.fulltextarchive.com/page/The-Cruise-of-the-Alabama-and-the-Sumter/>

Alabama e o *Kearsarge* posicionados ambos na Baía de Angra, obrigando-os a respeitarem a referida neutralidade portuguesa. Assim é relatado, mas não consegui encontrar documentação abalizada sobre este episódio, mas sempre a repetição da mesma informação. Como é possível ter ocorrido esse facto, reiterado de forma tão elogiosa nas biografias de Manuel de Azevedo Gomes⁴³, é algo que ainda não percebi. São fracas as “evidências” de que o *Kearsarge* alguma vez tenha passado pela ilha Terceira e é ainda menos provável que, em agosto de 1862, tenha medido forças como o *Alabama* na baía de Angra... ou nos Ilhéus das Cabras.

Como surge, então, a notícia de que, num dos encontros entre esses dois barcos, terão os ilhéus das Cabras servido de salvação ao *Alabama* que, escondendo-se no canal que os divide, ali se refugiou, escapando à caça que lhe dava o *Kearsarge*? Sobre os ilhéus das Cabras já tinha referido Drummond: “É tradição de antigos, que ali se refugiaram 12 barcos de pesca procurados por um corsário argelino”⁴⁴ e Jerónimo Emilliano de Andrade: “[...] estão entre si tão profundamente divididos que pelo meio deles não só passam grandes barcos; mas ainda há tradições de por ali ter passado já sem risco um grande navio. Umhas décadas depois, segundo notícia num jornal da época, Eduardo Abreu ofereceu ao almirante de uma esquadra americana, que se encontrava a dar a volta ao mundo em 1909, um quadro a óleo pintado pelo seu filho Henrique Abreu, representando a perseguição que o *Kearsarge* movia ao *Alabama* junto aos ilhéus das Cabras. Diz ainda que o quadro foi enviado para Nova Iorque, tendo sido feitas reproduções fotográficas do mesmo.⁴⁵ Cândido Forjaz, teve na sua posse uma reprodução fotográfica desse quadro, que publicou num artigo crítico que escreveu sobre este tema.⁴⁶ Tendo Cândido Forjaz consultado a correspondência do Governo Civil da época, coisa que não fiz, e tendo eu consultado dados provenientes do diário de bordo dos barcos envolvidos, que Forjaz não terá consultado, penso que chegamos à mesma conclusão.

Como nem Henrique Abreu nem o pai terão provavelmente conhecido qualquer destes navios, olhando aquele canal entre os dois ilhéus, imbuídos de uma imagem romântica de “ilhéus salvadores” criada pelo povo, é possível que o artista tenha “adaptado” a batalha de Cherbourg em 1864, onde o *Kearsarge* efetivamente afundou o *Alabama*, colocando o mar da Terceira e



14

FOTO 14. Em 1981 ainda existia no Ilhéu Grande o tubo metálico que serviu de poste, onde foi afixada a bandeira da FLA.

os ilhéus das Cabras como cenário de fundo. As notícias nos jornais da época, sobre a oferta desta tela, que tornara tudo em *verdade*, terão provavelmente ajudado a prolongar no tempo esta interessante história.

O mastro da independência

Ainda é possível ver, no cimo do *Ilhéu Grande*, as ruínas do pegão onde esteve colocado um tubo em ferro que, segundo se diz, embora não me tenha sido possível comprová-lo, serviu de mastro à bandeira independentista dos Açores (bandeira da Frente de Libertação dos Açores - FLA), aqui içada por volta de 1975. A ser assim, este *mastro da independência* deverá ter sido coloca-

43 <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=5635>

44 DRUMMOND, Francisco Ferreira - “Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis & Eclesiásticos para a História das Nove Ilhas dos Açores servindo de suplemento aos Anais da Ilha Terceira”. Instituto Histórico da Ilha Terceira. 1990. p. 125-126.

45 “Os Ilhéus do Canto”. *O Tempo* (23 março 1909).

46 FORJAZ, Dr. Cândido Pamplona - “O *Alabama* – Um episódio da Guerra da Secessão da América do Norte em águas terceirenses”. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, nº17. IHIT, 1959. p. 275-282

do neste local com essa finalidade, mesmo porque não lhe conseguimos encontrar outra finalidade. Em 1981 ainda lá estava, firme, como se vê na fotografia.

Azores DX Group

Nos dias 3, 4 e 5 de julho de 1992, elementos do grupo de radioamadores que compõem o *Azores DX Group* organizaram uma expedição aos ilhéus das Cabras, mais propriamente ao *Ilhéu Grande*. Esse exercício de comunicações teve por objetivo *ativar* a referência internacional IOTA - EU 003 como sendo os Ilhéus das Cabras. Para o efeito contaram com o apoio de um helicóptero da Força Aérea Portuguesa que transportou uma parte da logística necessária, desde o aeroporto das Lajes até ao ilhéu. A outra parte “subiu” pelo ilhéu acima, numa espécie de trenó adaptado para essa função, com o auxílio de cordas e de quem o empurrasse. Foram cerca de 900 Kg de materiais, onde se incluíam os equipamentos de transmissão, gerador, combustível, comida e outros. A ida para o ilhéu foi feita numa embarcação do Clube Náutico de Angra do Heroísmo que levou o grupo desde o Cais da Figueirinha até ao ilhéu e os trouxe de volta 3 dias depois, num regresso mais atribulado que o previsto. Durante os 3 dias, havia uma pequena embarcação de borracha que se manteve de prevenção e que teve de fazer algumas viagens até ao Porto Judeu.

Do *Azores DX Group* foram os elementos fundadores: José Gabriel Alves Silva (“Tirolé”), Luís Filipe Meneses, António Firmino de Sousa Mendes, António Simões de Oliveira e José Manuel Medeiros, aos quais se juntaram José Orlando Fortuna da Costa, Francisco Rocha, Francisco Gerardo da Silva Godinho, Bernardo Leonardo Rocha e Pedro Manuel Teixeira Pereira. Este último elemento era da Marinha e foi convidado por ser conhecedor de código morse.

A vegetação seminatural que revestia o ilhéu estava muito alta e seca, o que causou desde o primeiro instante grande preocupação ao grupo, não fosse surgir algum incêndio numa situação em que não havia meios de combate e onde existiam vários fumadores entre os participantes. No poste de metal que ainda lá estava, onde em tempos tinha sido hasteada a bandeira independentista dos Açores, junto ao qual se montou o acampamento, foi amarrado um pedaço de fita balizadora, a mesma que serviu para delimitar o acampamento, para que o piloto do helicóptero pudesse estudar a direção do vento antes de proceder às manobras de aterragem. Durante aquele fim de semana, viam-se à noite vários pontos iluminados no ilhéu, o que chamava a atenção daqueles que para lá olhavam.⁴⁷



15A

FOTO 15A. Membros da expedição de 1992, do Azores DX Group: da esquerda para a direita: António Firmino de Sousa Mendes, José Gabriel Alves Silva (“Tirolé”), Francisco Rocha, Luís Filipe Meneses, António Simões de Oliveira, Francisco Gerardo da Silva Godinho, José Manuel Medeiros; à frente: Pedro Manuel Teixeira Pereira, José Orlando Fortuna da Costa, Bernardo Leonardo Rocha

FOTO 15B. Aspeto do acampamento

FOTO 15C. Vista aérea do acampamento no Ilhéu Grande



15B



15C

⁴⁷ Com base nos depoimentos de José Gabriel Alves Silva “Tirolé” e José Orlando Costa.